JORNAL "LAMPIÃO DA ESQUINA" EM PAUTA: RETRATOS DA HOMOSSE-XUALIDADE NOS ANOS 70 E 80 DO SÉCULO XX

Gerinaldo Oliveira Pinheiro Júnior 33

Resumo: As edições do "Jornal Lampião da Esquina" lançadas durante as décadas de 70 e 80 em plena ditadura militar trazem referências sobre o movimento político da homossexualidade no Brasil. João Silvério Trevisan (2018) se destaca no selo da escrita jornalística que enfrentava barreiras impostas pelo regime de censura. O objetivo é tratar das abordagens históricas e discursos que ofereciam bases estruturais para pensar questões em torno de sexualidades, identidades e gêneros. Mesmo restrito a um público, o jornal atingiu um constructo significativo em torno das manchetes com discursos vitais para compreender dissidências das masculinidades e de feminilidades. Paul B. Preciado (2008; 2000; 2022), George Bataille (1957), Judith Butler (2019) são significativos para esta crítica, Michel Foucault (1976) e Edward Mac'Rae (2018) também contextualizam pelo nível de temas que se vinculam às epistemologias e heranças sociais em torno do sujeito. O jornal traz predecessores cujo teor das linguagens tinha o problema que gerou o sentido de sexualidades e disciplinaridades de discursos. A pesquisa qualitativa tem base nas notícias, colunas editoriais, catalogação de gêneros discursivos e apresentações

[33] Mestrando do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB). Linha de pesquisa: Literatura, Produção e modos de vida; Endereço eletrônico: gerinaldo.junior@gmail.com. Orientador: Prof. Dr. Paulo César García.

de comportamentos em que os discursos sobre os corpos eram veiculados no jornal em décadas sombrias. A linguagem do jornal aponta o discurso da violência, praticada contra a comunidade homossexual que gerou denúncias ao sistema político e social. Portanto, não se trata apenas em mostrar a história do movimento gay, e sim pensar a ruptura de conceitos agenciados e da produção do jornal em operacionalizar a crítica sobre a violência aos sujeitos e sexualidades.

Palavras-*chave:* Jornal Lampião da esquina. Identidades sexuais e de gênero. História dos anos 70-80.

INTRODUÇÃO

Este texto consiste numa reflexão em torno das sexualidades, identidades e gêneros que são abordados no jornal *Lampião da Esquina* enquanto manifesto crítico em torno das identidades sexuais do Brasil dos anos 1970 e 1980, épocas que o jornal foi veiculado em período de ditadura militar. O jornal Lampião da esquina trouxe exemplos em suas edições que mobilizaram o público da época através de denúncias, carta ao leitor, editoriais, artigos, colunas, charges, caricaturas, comentários e crônicas, um jornal completamente voltado para o público homossexual da época.

O *Lampião da esquina*, foi publicado e circulou nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo entre abril de 1978 e julho de 1982 sendo o primeiro jornal de circulação nacional com escritores homossexuais e

todo conteúdo era veiculado para o mesmo público gay. O Jornal era escrito por eles e feito para eles:

> À frente da iniciativa, estavam figuras importantes da cena cultural carioca e paulista, além de intelectuais de prestígio, ainda que jovens. Personagens que despontavam na universidade, no jornalismo e nas letras: os jornalistas Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata e João Antônio Mascarenhas; o artista plástico Darcy Penteado; o crítico de cinema Jean-Claude Bernardet; o escritor João Silvério Trevisan e o antropólogo Peter Fry.(QUINALHA, 2020. p.3)

Este veículo de comunicação não abrangia somente notícias voltadas ao público gay mas também a pessoas que tinham interesse em ler o conteúdo, emissores e receptores da informação (LGBTQIAPN+) lésbicas; gays; bissexuais; transgêneros; queer; intersexuais; assexuais; pansexuais; etc. Claro que para a época estes termos ainda eram inconsistentes, e não eram chamados assim em fontes sociais, e, foi esta falta de existência que desencadeou a luta esperançosa, e a comunidade buscou maneiras que definissem seus direitos frente a sociedade.

A compreensão também é importante, e nesta pesquisa aplica-se a história de como a sociedade hetenormativa incluiu a

“normalidade” das sexualidades, identidades e gênero. Era um período sombrio da história brasileira o processo de aceitação da sexualidade do homossexual estava em pauta. É neste momento que o *Lampião da esquina* é escrito e veiculado, encabeçou por exemplo como que a imprensa homossexual agia de fronte a ditadura militar. O antropólogo e escritor Edward MacRae (2018) mergulha nos estudos ativistas da homossexualidade e faz críticas a censura que o jornal gay enfrentava. Mesmo com poucos recursos e lugar no mercado da comunicação os jornais independentes aconteciam:

> Uma das transformações importantes que ocorriam na época dava-se na imprensa, onde, desde a instalação do regime militar, um severo controle oficial era exercido sobre tudo o que se publicava. Para escapar dos rigores da censura e da autocensura, vigentes especialmente na grande imprensa, alguns jornalistas resolveram fundar pequenos jornais, de tiragem irregular, usando técnicas quase artesanais de impressão. Nascia, assim, a “imprensa alternativa” ou “imprensa nanica”. (MACRAE, 2018. p.141)

O regime de censura contra a imprensa e jornalistas homossexuais foi antiquado e indiferente, todo aquele que fugisse dos padrões héteros sofria preconceito, apesar da distribuição do jornal *Lampião* ser restrita para um determinado público a proposta de informação e a propagação de denúncias contra a violência que

assolava a comunidade gay vigorava. As informações que promovessem a liberdade sexual, estiveram presentes em todas as edições lançadas no jornal. A própria imprensa já se perguntava por que um jornal homossexual? Qual é nossa imprensa?

> A tentativa exercida pelo chamado jornalismo *underground* homossexual, no sentido de informar aos nossos irmãos sobre necessidades primárias, que vão desde o modo de encararmos o problema até onde e como devemos nos impor, deixa de ser um trabalho de aproximação para acabar se tornando, na sua maior parte, num conflito onde pequenos grupos criticam, rejeitam e combatem o aparecimento de novas idéias, de mentalidades estruturadas numa nova filosofia de vida. (Lampião da esquina, 1978).

Os pequenos grupos da década de 70 e 80 do século XX que eram citados no *Lampião da esquina* dividiam-se por concepções e filosofias, entre pessoas que eram contra ideias e as que buscavam direitos através das manifestações e expressões artísticas, culturais ou civis, tudo era válido por uma busca de vida tranquila em relação a aceitação da sexualidade, esta estava em pauta, pois ainda era um tabu a ser quebrado e o tempo era sombrio.

Muitos termos eram empregados aos homossexuais para envergonhar e denegrir sua imagem, segundo Judith Buttler (2019, p.368) “Quando o termo era usado como insulto paralisante, como a

interpelação trivial de uma sexualidade patologizada, o usuário do termo se transformava em emblema e veículo da normatização. [..]. Como resposta a estes atos verbais e violentos outras terminações contrárias eram utilizadas politicamente contra os interesses políticos e sociais heteronormativos da época, ofendendo e insultando o radicalismo, formando variações de pensamentos e de personalidades.

1. ANÁLISES CRÍTICAS DE EDIÇÕES DO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA

É interessante saber que modelos informativos, culturais literárias e artísticos, foram veiculados no jornal *Lampião da esquina*, e que as mensagens atingiram diferentes estágios de interesse público de acordo com a passagem dos anos e denúncias sociais. Além de assuntos polêmicos, os fatos noticiosos eram publicados em prol da aceitação do homossexual no cenário brasileiro, a realidade sexual também era estampada nas manchetes do jornal, neste outro ponto o erotismo foi primordial nas páginas das edições para que as repressões sociais diminuíssem, mas causou efeito contrário em algumas sociedades, além da estagnação e surpresa para quem lesse as matérias:

> O Lampião tocava em temas delicados, merecendo uma preocupação constante por parte dos órgãos de informação que faziam o monitoramento da imprensa. Isso porque, como já mencionado ao longo deste trabalho, para além de criticar politicamente o regime, o jornal trazia uma proposta nova de integrar-se às lutas democráticas com uma agenda de minorias marginalizadas, até então, dentro do próprio campo oposicionista. O documento do Ministério da Aeronáutica, Informação n. 0854/CISA-RJ, difundido para os demais órgãos de informação, destacava a entrevista do intelectual e militante negro Abdias Nascimento para o jornal, na qual ele afirmava que "mulheres, negros, índios, homossexuais, dev[iam] lutar juntos contra a repressão" (Brasil, 1980a), o que logo despertou a atenção da ditadura. (QUINALHA, p.5. 2020)

A proposta do Lampião da Esquina era veicular notícias informativas e até pedagógicas no sentido de informar e formar um campo de interesse para os leitores que se identificavam com gêneros e sexualidades, estampava-se nos jornais assuntos que podiam quebrar paradigmas e preconceitos, todas as informações com posições firmes e críticas sobre novas concepções e em torno dos absurdos que aconteciam naquele momento eram veiculadas. A pesquisa histórica das lutas e direitos destas minorias eram frequentes, e, o jornal foi uma importante fonte para troca de informações; ajudava contra a repressão sexual de raça e gênero. O

grupo majoritário era onde o machista, racista e homofóbico estava e era credenciado pelo mais alto patamar social, diante disto o jornal questionava sua própria resistência e continuação do seu funcionamento com o noticiário homossexual; além das colunas sociais frente ao reflexo da descriminalização, matança e violência; não escondiam os fatos, o legado do jornal era também divulgar sérias denúncias dos crimes de homicídio ou assassinato dos homossexuais.

O jornal Lampião trazia em suas práticas de ressignificação e performances: literatura, charges, textos e notícias. O leitor que acompanhava a estrutura informava-se sobre a contrariedade heteronormativa implícita no conceito cultural e político da matriz eurocêntrica e cisgênero dos anos de 1980, esta, conturbada pelo novo cenário que surgia envolvendo as pessoas 'gueis' que assim eram chamadas. Na segunda edição lançada do Lampião em 25 de junho de 1978, uma pergunta era lançada para o público leitor "Homossexualismo: que coisa é essa?" Desencadeando indagações irreverentes para um momento de censura o que era perfeito para quebra de tabus, um deles era que a homossexualidade fosse compreendida ainda como uma patologia ou doença.

> Ajustar o homossexualismo a uma exata classificação genética, endócrina ou psíquica, não

só é difícil, mas impossível e, com todo o avanço da ciência, ainda não se obteve uma definição de suas verdadeiras origens e motivações. Uma doença? Até alguns anos atrás, a medicina diria assim a esta página pergunta, prescrevendo como tratamento, por exemplo, aplicações “dos hormônios de que o paciente tivesse deficiência”, isto é, masculinos para os homens, femininos para as mulheres. Havia também o tratamento psiquiátrico da repulsão, pelo uso de eletrochoques no órgão genital do paciente. Processos até certo ponto simples, só que errados. O primeiro, ao contrário de suprir a discutível deficiência, incentivava os desejos sexuais pelas pessoas do mesmo sexo e o segundo, malgrado a sua violência, condicionava o paciente a impotência, não há uma repulsão pelo ato sexual realizado “fora das normas”, como era previsto. (Lampião, 1978. p. 2)

Figura 1: Matéria do Jornal Lampião da Esquina.
Homossexualismo: que coisa é essa? Ed. nº2, 25 de junho de 1978.

OPINIÃO

LAMPIÃO

Homossexualismo: que coisa é essa?

Conselho Editorial: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Coordenador de edição: Aguinaldo Silva

Colaboradores: Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas,

Ajustar o homossexualismo a uma exata classificação genética, endócrina ou psíquica, não só é difícil mas impossível e, com todo o avanço de ciência, ainda não se obteve uma definição de suas verdadeiras origens e motivações.

Uma doença?

Até alguns anos atrás, a medicina dava sim a esta pergunta, prescrevendo como tratamento, por exemplo, aplicações "dos hormônios de que o paciente tivesse deficiência", isto é, masculinos para os homens, femininos para as mulheres. Havia também o tratamento psiquiátrico da repulsão, pelo uso de eletro-choques no órgão genital do paciente. Processos até certo ponto simples, só que errados. O primeiro, ao contrário de suprir a discutível deficiência, incentivava os desejos sexuais pelas pessoas do mesmo sexo e o

Normal — que é segundo a norma. Norma — regra, modelo, preceito, lei. Recorro então ao padre católico, médico e sociólogo francês Marc Oraison e no seu livro "La question homosexuelle" encontro: "Mas de que lei falamos? Toda cultura é fundada, em efeito, sobre uma certa representação do homem e dos seus relacionamentos com o mundo, e aquele que não se assemelha a esta representação é chamado anormal. Mas essa "lei cultural" é normativa, o mesmo que dizer imperativa: ela obriga a ser "normal" para que o indivíduo encontre seu lugar na cultura em questão".

Neste caso, agora continuo eu, todos os que saem dessa bitola estreita, os artistas, os criadores, os imaginosos e talentosos devem ser considerados anormais porque as normas de uma sociedade são ditadas pela ideologia

homossexualismo não é punível na legislação brasileira e procuram submeter nos e todos os veximos sob ameaça de uma acusação qualquer.

5º — saber que neutralizamos os nossos opressores machistas, porque os privamos de utilizar a única arma de que dispunham contra nós, a ameaça de descobri-nos, quando, na impossibilidade de acusar-nos de qualquer desdize, utilizavam-se desse recurso para manter nos amedrontados; obviamente, essa gente nada pode fazer contra um homossexual assumido;

6º — dar, pelo nosso exemplo, apoio moral aos homossexuais desejosos de assumirem-se, mas com receio de fazê-lo, infelizmente não raro jovens se suicidam porque não suportam o estigma imposto pela sociedade.

Fonte: https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/2-ed-jornal-lampiao-da-esquina-junho-julho-1978/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&pos=2&source_list=collection&ref=%2F

O *Lampião da esquina* discorria nesta matéria o porquê reflexivo que o “homossexualismo” era banido e qual era seu conceito, sob as causas e consequências da violência e censura para com os preceitos sexuais e de gênero, a curiosidade também surgiu de como a palavra era escrita, “homossexualismo” invés de homossexualidade. A homossexualidade nos anos 70 e 80 passou ainda por um processo social, histórico e científico, a evolução da ciência demorou a compreender que a atração pelo mesmo sexo não era uma doença, mas que fazia parte da sexualidade, tornou-se um assunto delicado por conta da incompreensão, ignorância ou experimentos clínicos

errôneos. O termo ‘guei’ foi reescrito ‘gay’ com ‘y’ e amenizou o impacto da palavra, mesmo assim o preconceito por parte da pronúncia ainda era marcante:

> Pelo menos gay era uma palavra inglesa e mais curta que *homossexual.* Esta foi a primeira vez que meu pai, minha mãe e eu ouvimos juntos a palavra *homossexualidade* — a palavra inteira, tão longa e tão contagiosa em si mesma. Na época, procurei a palavra no dicionário. Já tinha ouvido meu pai dizer as palavras bicha e sapata, mas nunca tínhamos sido, todos juntos, espectadores de um discurso no qual a palavra homossexualidade havia sido não só pronunciada, mas encarnada, representada pelo vírus. (Preciado, p.96. 2022)

Paul Preciado é cirúrgico nas palavras ao relembrar uma cena de momento histórico em torno da definição da palavra, tratando a homossexualidade como vírus. O Lampião da esquina tratava este assunto não apenas como um periódico em publicações de notícias, mas também como revolução diante da época reprimida, além da constatação dos acontecimentos históricos e sociais sobre as sexualidades e movimentos de grupos sociais marginalizados. Para Albuquerque Júnior (2014, p.11) “Foucault considerava um equívoco e uma submissão ao discurso médico e jurídico que instituiu a homossexualidade como “anormalidade”, como “doença” e como

“crime” assumir a homossexualidade como algo natural.”, existia também afirmações diante deste estudo que as diversas maneiras de extrair o prazer do corpo e usar o sexo da forma que trouxesse sensações satisfatórias faziam parte da compreensão de Foucault sobre a homossexualidade.

Um ponto importante sobre esta pesquisa é a quebra de tabu em torno da grande homofobia que assolava e ainda acontece contra a homossexualidade. Em período de ditadura militar no Brasil o “pega pra capar” um linguajar que era utilizado para capturar a comunidade gay, com o constrangimento e conflito sob a prisão de homossexuais ou ‘travestis’ da época, era comum a prática na abordagem policial, esta manchete foi lançada em uma das edições do ano de 1980, que abordou o acontecimento em Brasília.

Figura 2: Matéria do Jornal Lampião da Esquina. Pega pra capar em Brasília. Ed. nº29, outubro de 1980.

ESQUINA

Pega pra capar em Brasília

No sábado 21 de setembro, Brasília teve sua noite cortada ao meio por volta das 24 horas, a Rodoviária e o Setor de Diversões Sul (que formam o que se poderia chamar de "coração da cidade", não fosse Brasília feita apenas de avenidas paralelas que nascem e desembocam no cerrado) foram invadidos e tomados pela polícia que conseguiu, em pouco mais de uma hora, dar uma inesquecível demonstração de força.

De certa forma, isto não chega a ser matematicamente extraordinário. É justamente nesta parte da cidade que se reunem os travestis, os michês, as prostitutas e os seus freqüentes. Além disto, nos fins de semana, todos, obrigatoriamente, passam por ali: os que apenas vão aos cinemas, os que desfilam por horas sem fim nas passarelas que ligam a asa sul à asa norte, os soldadinhos escapulidos dos quartéis e que buscam guarida por uma noite, os operários da construção civil e a classe média com dinheiro para gastar. Todos eles freqüentam as mesmas boites (a Aquarius, com uma clientela homossexual e, praticamente ao seu lado, Bazaklan, que apresenta moças a go-go) e os mesmos bares que, sem exceção, não disfarçam o ar de bordequim e que têm, sempre, todas as mesas ocupadas.

Assim quando a polícia começou a chegar muita gente não deve ter estranhado afinal, bastaria, como sempre, apresentar os documentos e continuar buscando diversão mesmo que, visto de fora, o espetáculo tenha aros deprimentes: a repressão e a hipocrítica descontração passando lado a lado. Desta vez, porém, a coisa mudou de figura e uma batida generalizada, que teve o patrocínio do Departamento de Polícia Federal e do Juizado de Menores, fechou todos os bares e uma das boites — justamente a Aquarius. Mais a tanto aparato e escandalosa paralisação, uma festa promovida em um sítio e que convocou toda a ala mais jovem de Brasília (o nome da festa era rock-suíte, obvia aglutinação de rock e macumba, e que os jornais locais não cansaram de divulgar durante toda a semana seguinte, e o convite foi impresso em seda de fumar baseado) também foi interrompida por uma numerosa tropa de choque, que foi à festa acompanhada de seus cachorros e inclusive de espantosos fogos de artifício usados para provocar pânico. O pai do dono da festa está envolvido em um longa história onde tornou-se a vítima principal, por permitir que seu filho promovesse orgia e encontros de marginais, e corre o risco de perder o sítio. Justamente ele, que declarou não saber de nada do que estava acontecendo porque seu filho foi criado para levar a vida que quisesse. Para as outras famílias, porém, tamanha liberdade sempre traz problemas.

É impossível não ligar estes dois acontecimentos — ambos visam apenas dar satisfação à moral. Outros incidentes mais graves, os crimes verdadeiros, continuam sem solução, enquanto que as bichas e os macomboteiros servem muito bem como bodes expiatórios para um sistema falido que, além da moral, não consegue dar mais nada à sua classe média que o mantém no poder.

Assim, é possível imaginar o alívio estampado na cara dos chefes da família, certos de que suas filhas não serão divirginadas e violadas em festas ao ar livre e que seus filhos não correm o risco de serem corrompidos por "bichas violentas". Para eles, tudo isto é muito mais importante do que os atentados a bomba, do que a violência da direita, do que a inflação e a miséria juntas. E o poder, afinal, sabe por onde pisa. (Alexandre Ribondi)

Fonte: https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/29-ed-jornal-lampiao-da-esquina-outubro-1980/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&pos=29&source_list=collection&ref=%2F

Este acontecimento marcou a violência praticada pela presença policial em algumas boates de Brasília no Distrito Federal, que aconteciam trabalhos de prostituição, e demonstrou como que a moral e os “bons costumes” nos moldes patriarcais tradicionais eram mais importantes frente a moral estabelecida pelos padrões da época do que outros problemas sociais mais sérios propriamente ditos.

> Outros incidentes mais graves, ou crimes verdadeiros, continuam sem solução, enquanto que as bichas e os maconheiros servem muito bem como bodes expiatórios para um sistema falido que, além da moral, não consegue dar mais nada à sua classe média que o mantém no poder. Assim, é possível imaginar o alívio estampado na cara dos chefes de família, certos de que suas filhas não serão desvirginadas e viciadas em festas ao ar livre e que seus filhos não correm o risco de serem corrompidos por "bichas violentas". Para eles, tudo isto é muito mais importante do que os atentados a bomba, do que a violência da direita, do que a Inflação e a miséria juntas. E o poder, afinal, sabe por onde pisa. (Alexandre Ribondi). (Lampião, 1980. p. 5)

A partir deste pressuposto a reflexão sobre o que foi correto na moral sexual perante a sociedade torna-se discrepante, as tentativas de definições e diferenças do homossexual versus heterossexual na época começaram a causar polêmicas, o cenário amoroso ou homossexual não era aceito ainda por muitos, o incômodo alheio era constante e as políticas públicas não eram altruístas para com os homossexuais.

A tamanha violência simbólica contra a homossexualidade ou “homossexualismo” palavra utilizada na década de 80 para se referir as práticas sexuais entre duas pessoas do mesmo sexo, geravam pautas jornalísticas baseadas em denúncias ao sistema político,

estrutural e social, trazia capas e manchetes alarmantes como por exemplo a edição de número 20, de janeiro de 1980 “Violência: o esquadrão mata-bicha” e a edição de número 2, de 25 de junho de 1978 “Pauladas Na Bichórdia”.

Figura 3: Matéria do Jornal Lampião da Esquina. Um esquadrão mata-bicha? Ed. nº20, janeiro de 1980.

Um esquadrão mata-bicha?

Os freqüentes casos de linchamento ocorridos nos últimos meses em várias cidades brasileiras me deixam particularmente inquieto; basta ler o noticiário a respeito para perceber que na raiz de cada um deles esteve, sempre, a questão da **diferença** alguma coisa nos linchados — os tornava **à parte** aos olhos da multidão, e era esta **exceção** detectada no comportamento de cada um o que dava **razão à** violência.

Sabe-se que foi sempre a **diferença** o que justificou qualquer tipo de ação violenta contra os homossexuais; é ela, por exemplo, que **dá razão** nos dias que correm ao comportamento de alguns rapazes de classe média, na zona sul do Rio, que, organizados em bandos, vêm invadindo com uma freqüência cada vez maior os locais freqüentados por homossexuais para "castigá-los"; ou, ainda, que justifica um fato como este ocorrido na sexta-feira, 21, na Gueffieira Palace, também no Rio:

"Mais de uma vez tenho me referido ao dever da comunidade de reagir contra males que a afligem. Em vez de simplesmente apelar para proibições ou medidas coercitivas legais, importa aos próprios cidadãos assumir o papel que lhes cabe, zelar pelo bem-estar coletivo". Depois de reconhecer "o avanço de graves deformações no comportamento moral que afeta não apenas indivíduos mas a coletividade", o cardeal-arcebispo lamenta que muitos permaneçam "na própria inércia, em vez de partir para uma reação corajosa e legítima".

A essa altura do artigo me veio à lembrança a reação "corajosa e legítima" de um grupo de cidadãos da cidade fluminense de Cantagalo, que lincharam duas pessoas acusadas de um crime terrível, destroçando-as a pauladas e ateando fogo aos corpos ainda agonizantes; zelava-se, sí, pelo bem-estar coletivo, mas — soube-se depois — cometia-se também um engano terrível e ir-

rágrafo que vem logo a seguir na exortação do cardeal-arcebispo:

"Uma lésbica ou um homossexual sentir-se-ão melhor se vistos como normais ou se sua situação for considerada aceitável ao convívio social. Evidentemente, não me reporto à caridade com que devem ser tratados. Contudo, bem diferente da agravação do erro é o sentimento cristão de ajudar o enfermo".

Lembro-me de quantas vezes, em nossa história, o "sentimento cristão" foi manipulado para justificar o genocídio dos índios, a escravidão, a tortura e a matança dos negros. O próprio d. Eugênio reconheceu, há alguns meses, que a Igreja tinha uma dívida para com os negros brasileiros (e na medida em que eles finalmente se organizam, é preciso saldar urgentemente essa dívida: não é à tôa que a Igreja está tentando se

Entre a Igreja inflexível e vingadora do cardeal, e aquela que fala dos oprimidos, ficamos com esta.

Fonte: https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/20-ed-jornal-lampiao-da-esquina-janeiro-de-1980/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&pos=20&source_list=collection&ref=%2F

Nesta edição a matéria veiculou o ato da violência praticada pelo abuso do poder dos policiais militares no Rio de Janeiro, invadiram um local frequentado pela comunidade gay local e entraram no banheiro masculino para espancar violentamente os homossexuais que ali estavam. Esta operação policial era de costume na época da ditadura militar, titulada de “esquadrão mata-bicha”:

> Sabe-se que foi sempre a diferença o que justificou qualquer tipo de ação violenta contra os homossexuais; é ela, por exemplo, que dá razão nos dias que correm ao comportamento de alguns rapazes de classe média, na zona sul do Rio, que, organizados em bandos, vêm invadindo uma freqüência cada vez maior nos locais freqüentados por homossexuais para "castigá-los"; ou, ainda, que justifica um fato como este ocorrido na sexta-feira, 21, na Gueifieira Palace, também no Rio: um bando de soldados da Polícia Militar, armados de cassetetes de madeira, invadiu o banheiro de homens e surrou indiscriminadamente todos os que lá estavam, retirando-se depois, sem ser molestado. (Lampião, 1980, p.3)

Na mesma reportagem uma crítica é feita na terceira coluna no corpo do texto, em torno da igreja em relação ao “sentimento cristão” afirmando que a mesma ‘igreja’ que não é explicitamente identificada teria uma dívida com classes dissidentes ou minoritárias:

> Lembro-me de quantas vezes, em nossa história o "sentimento cristão" foi manipulado para justificar o genocídio dos índios, a escravidão, a tortura e a matança dos negros. [..] essa dívida: não é à tôa que a Igreja está tentando se aproximar do movimento negro); quantos homossexuais ainda terão que ser pisoteados, presos, humilhados, internados em clínicas psiquiátricas e até linchados, antes que a Igreja mude sua posição quanto ao assunto,

> reconhecendo que eles não merecem esse "tratamento especial"? (Lampião, 1980, p.3)

Neste parágrafo da coluna do jornal Lampião, a edição 20 discorre na crítica do esquadrão “mata-bicha” a preocupação e indignação com as atitudes das autoridades locais frente a como agiam contra gêneros, sexualidades e raças, dentre elas a homossexualidade que feria dogmas e doutrinas cristãs nas décadas de 70 a 80. Na segunda edição publicada em 1978, palavras eram utilizadas de maneira a promover o entretenimento da leitura e “bichórdia” foi uma delas. A “bichórdia” referia-se ao grupo de homossexuais, bichas, sapatões, travestis que se reuniam para tratar da homossexualidade, até mesmo as “mariconas” tal como são chamadas as bichas mais velhas, eram retratadas de maneira descontraída no jornal com a intenção final informativa e crítica ao sistema político conservador.

> LAMPIÃO correspondeu em cheio (pelo menos isto ficou provado neste número de distribuição gratuita) às necessidades intelectuais deste grupo que a bichórdia chama de mariconas, ou seja, de nós homossexuais que somos homens normais e nos relacionamos como seres humanos, sem necessidade de pompas, visuais congestionados de artefatos de consumo e tiques ridículos (tão característicos à nocividade que é representada pela bicha de classe média, incapaz de se impor como gente, como pessoa). Espero que os números seguintes encham nossos

olhos e corações de coisas boas, de realidade. (Lampião, 1978, p.14)

Figura 4: Matéria do Jornal Lampião da Esquina. Pauladas na "bichórida" Ed. nº2, 25 de junho de 1978.

NA MESA

Abrindo as sete chaves

Lendo a revista Vision tomei conhecimento do seu lançamento para este mês e, passando por uma lanchonete local, encontrei dois rapazes com o número zero, que não consegui, ficando apenas com uma leitura rápida nos títulos. Em todo o caso, entrei em contato com o meu pai aí no Rio que se prontificou em me conseguir uma assinatura, já que ainda não vi nenhum exemplar nas bancas daqui.

Mas o que eu queria dizer é que esse jornal parece ter chegado em boa hora. Nós aqui no Brasil ainda vivemos num subdesenvolvimento FDP em todos os sentidos, desde o cultural até o sexual.

Com relação ao problema das minorias sexuais então, o agravamento é maior, pois, além dos tabus, há uma dose extra de ignorância. O homossexualismo, p.ex., anda sempre de braços dados com o preconceito. Ou caso contrário é escondido a sete chaves, embora sempre tenha alguém fazendo as cópias de uma por uma dessas chaves, o que torna a vida intolerável para quem teima em ficar "em cima do muro".

Gostei muito do número um e estou a fazer cara é divertida, é jocoso, coisa e tal — mas na casa do vizinho ou em certos programas de TV. Nunca dentro da família de cada um. Vamos manter a coisa dentro de um limite de seriedade, debatendo, informando, conscientizando, mas as frescuras ficam para o carnaval.

Note-se por enquanto uma ausência da parte feminina, mas com calma se chega lá; afinal o primeiro passo já foi dado e duvido que alguém com uma mentalidade aberta, seja de que sexo for, terá restrições na leitura e informação que o Lampião pode prestar.

Aqui no Sul os preconceitos são grandes, sejam eles de cor (este meu estado não deve muito para o Alabama), credo ou sexo, mas o diabo é que tudo não passa de uma fachada hipócrita de ver as coisas.

A mentalidade daqui não admite meio termo e a coisa se complica no apagar das luzes, onde os papéis se inverteem com freqüência mas nenhuma das partes quer admitir. Fica aquele espanto de quem viu um Disco Voador mas logo vem alguém para tranqüilizar e dizer que foi só um balão

PAULADAS NA "BICHÓRDIA"

LAMPIÃO veio na hora certa, estávamos afundando em matéria de jornalismo homossexual e isto seria, claro, uma insuficiência na nossa capacidade de lutar por algo de bom em prol de nossa afirmação.

Tínhamos o **Mundo Gay**, que acabou se perdendo em sua própria fragilidade. O **Entender** também se crucificou entre tantos "rosetos" e mau caratismo (os travestis invadiram todas as páginas e "sujaram" a barra). O boletim **Eros** animou um pouco pela diferença sobre os demais. No entanto, se bem entendi a explicação do Sr. Dantas no depoimento dado no número zero deste jornal, foi obrigado a deixar de existir pela falta de entendimento com os ditos "representates" do colunismo homossexual do Rio de Janeiro.

O Sr. Dantas, desculpe-me ele, implicou num erro imperdoável. Apesar de sua aparente boa vontade, bastante elogiável na consciência firme e clara que tem sobre nossas necessidades, foi buscar apoio junto de uma camada de homossexuais bastante entorpecida pela **bichice** e não poderia, como estava pretendendo, encontrar ajuda. A turma do extinto **Gente Gay** e do consórcio social Little Darling & Tiranino não passa de uma

R — Pode deixar, Zé Alcides, que é com a gente mesmo. E se não publicamos o trecho de sua carta sobre Rogéria, não foi por censura, mas por falta de espaço. De qualquer modo, vamos citar um trecho que nos parece a síntese do seu pensamento: "Um homem fantasiado de mulher, ostentando um comportamento alienado e sexista, não representa nenhum perigo para os códigos de honra do macho. Uma criatura destas (...) é somente o produto da decadência da cultura ocidental, que sobrevive à base de coisas efêmeras e onde prima, sobretudo, a falta de sensibilidade e a ignorância sexual".

Assinantes se entendem

Aos amigos da gay-gang Lampião: o mês de abril foi-se. Com ele, o "mês do homossexual", segundo vocês mesmos. Estamos em pleno "mês das noivas" (pode?) e eu espero ex. ainda — e já impaciente — pelo nº 1 do nosso jornal, do qual, num momento de bravo instinto, ousei fazer uma assinatura. Devo mandar rezar a missa póstuma, em memória dos meus suados 160 cruzeiros, ou ainda posso cultivar a remota esperança de receber, durante um ano, o LAMPIÃO "a la carte", conforme o combinado?

Imagino todas as dificuldades que vocês pos-

Fonte: https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/2-ed-jornal-lampiao-da-esquina-junho-julho-1978/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&pos=2&source_list=collection&ref=%2F

Toda tentativa era pelo respeito do homossexual, pois ainda eram ridicularizados pela sociedade seja pelo modo de vestir, agir ou até mesmo de se relacionar. Esquecidos no sentido reflexivo de "seres humanos" pela sociedade machista, a normalidade em torno da homossexualidade deveria ser vista de maneira frequente, infelizmente isto ficava apenas no papel, este também foi um propósito incluso nas lutas pelos direitos de ser quem quisesse ser e amar livremente, sem preocupar-se com a opinião alheia e sem sofrer

violência. “Pauladas na bichórida” além de um título que chamava atenção dos leitores pela concepção de violência, surra, espancamento etc. também era uma crítica política ao exigir seus direitos na realidade social, um pedido de socorro.

O próprio *Lampião da Esquina* assumiu que estava afundando-se em excessivas matérias homossexuais e que esta insuficiência poderia levar a uma possível incredibilidade: “estávamos afundando em matérias de jornalismo homossexual e isto seria, claro, urna insuficiência na nossa capacidade de lutar por algo de bom em prol de nossa afirmação. Tínhamos o Mundo Gay, que acabou se perdendo em sua própria fragilidade.” (Lampião, p.14, 2018)

> O que vem a ser bixórdia? Está no dicionário da Mestra Mambaba, s.f.: em machês, palavra originária de ‘bicha’ s.i. (substantivo indefinido) somada a ‘mixórdia’ s.f.: mistura, bagunça. Representação do que é livre, auto permitido. Tudo é sério, nada é triste. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobos, tias, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneleiros, frescos, frutas e xibungos. Por ex.: vale tudo, né queridinhas? (Lampião, 1978. p. 12)

Esta mistura da palavra ‘bicha’ somada a ‘mixórdia’ traz à tona a deformidade em torno das palavras quando identificadas no sujeito como depreciação do indivíduo e com isso falar de sujeitos nos leva a

pensar como estes buscavam sua liberdade de expressão num tempo de censura e repressão pois suas vozes eram caladas. Com isto, toda forma de desabafo era válida, mesmo com o linguajar “pajubá” vocabulário próprio da comunidade LGBT+.. Frente a uma época em que as pessoas tinham um pensamento totalmente misógina, machista e homofóbica, expressar uma opinião contrária poderia causar tamanho tumulto e até a morte.

> Brasil é composto de negros e brancos e não de pretos, sararás, cafuzos, mamelucos, mulatos etc. Da mesma forma, os militantes homossexuais tiveram que convencer o Brasil de que aqui há homossexuais, bissexuais e heterossexuais, e que esta forma de definir os personagens do cenário sexual amoroso é mais verdadeira do que aquela que tradicionalmente fala de bichas, sapatões, homens, mulheres, viados, giletes, bofes.. (MAC’RAE, 2018, p.13)

O Brasil sofreu um processo histórico diante destas opressões por suas diferenças, contudo é um lugar miscigenado onde encontramos a maior variedade de pessoas e pensamentos, as opiniões em torno das sexualidades não poderiam ser diferentes, negar o processo histórico é um erro gravíssimo diante do que já foi registrado.

1.2 A MORAL HOMOSSEXUAL NO ESTUDO CIENTÍFICO

A homossexualidade sempre foi oprimida, seja de forma direta, indireta, política ou científica. No campo da ciência alguns autores como o jornalista João Silvério Trevisan, um dos fundadores do jornal *Lampião da esquina* e do grupo 'Somos' – Grupo de afirmação sexual, aborda em uma de suas obras 'Devassos no paraíso' (2018) as dificuldades de ser homossexual em nosso país. O autor também descreve sobre os prejuízos hormonais e bioquímicos da masculinização'. Segundo Trevisan (2018) "Alguns estudos biogenéticos reacenderam a velha teoria da homossexualidade congênita, que portanto seria herdada por uma diferença cromossômica". Esta afirmação do autor é importante para compreensão de que o conceito pode ser ligeiramente absurdo ao dizer que a homossexualidade poderia ser herdada de forma hereditária, muitas pessoas foram condenadas a ser objeto, assim, como rato de laboratório para estudos e experimentos. Michel Foucault em seu livro História da sexualidade: a vontade do saber (1988) aborda que a homossexualidade foi vista também como uma espécie de figura da sexualidade, e na compreensão profunda o sodomita que praticava atos sexuais "criminosos" era um reincidente.

> A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAULT, 1988, p.48)

Nesta reflexão a homossexualidade poderia ser então um sujeito diante dos problemas sociais a partir deste hermafroditismo da alma, e uma espécie definida a partir da carne. Os diálogos podem ser cravados e interpretados a partir dos atos históricos e sociais, e não pela anatomia científica do que se diz o que é ser macho ou fêmea, homem ou mulher, do conceito binário. A moral, presente nos direitos homossexuais, era veiculada: "existe moral para os homossexuais?" No *Lampião da Esquina* isto era publicado e circulava pelos leitores, não por algo preconcebido ou subentendido, mas para propagar informações verídicas e concretas para comunidade gay que sofria opressão social nas mãos do militarismo. A luta era fazer assimilar a homossexualidade não como uma opção ou escolha, mas um estado de ser. Na edição 11 de abril de 1979 e edição 13 de junho de 1979 as questões em torno dos estudos homossexuais eram propagadas:

Figura 5: Reportagem ensaio do Jornal Lampião da Esquina. Homosexualimo: duas teses acadêmicas. Ed. nº 11, 11 de abril de 1979

Homossexualismo: duas teses acadêmicas

Vinte anos atrás, a revista **Sociologia**, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (volume XXI, nº 4, outubro de 1959) publicava "Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo", de José Fábio Barbosa da Silva. Em 1964 foi programada a publicação de uma tese de mestrado do mesmo autor, sobre o mesmo tema, no Boletim nº 13 da Cadeira de Sociologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Essa monografia não chegou a ser publicada, tendo sido retirada da gráfica "para revisão", conforme consta do protocolo. Não existe documentação de que a dissertação tenha sido defendida na Faculdade de Filosofia, onde, por norma, todas as teses são registradas, guardando-se um exemplar nos arquivos do Expediente Acadêmico. Uma vez que o autor reside nos Estados Unidos, não foi possível nenhuma informação esclarecedora. No entanto, a partir do artigo de 1959, pode-se ter uma idéia aproximada da perspectiva analítica do Autor, ao tratar pela objeto de pesquisa da ciência social.

José Fábio Barbosa da Silva, fazendo uso das teorias de patologia e desorganização social de então, se propõe em seu artigo analisar as relações entre "desenvolvimento da homossexualidade" e o desenvolvimento da cidade, apoiado nos esquemas da ecologia social de Robert Park e E. W. Burgess da famosa Escola de Chicago. Segundo estes, as cidades desenvolvidas espacialmente através de círculos concêntricos tendem a apresentar em seu centro áreas decadentes, reservadas a atividades comerciais e administrativas, com o deslocamento das residências para regiões mais afastadas. O centro da cidade, onde o controle social passa a ser menos rigoroso, constitui-se, segundo o Autor, na "região de prazer e de exploração organizada do vício" (p. 354). Nesta região "a diminuição das sanções, a concentração de grupos masculinos para a procura de prazeres sexuais ou de lazer, são basicamente fatores que servem de catali-

O Autor traça o mapa onde, na época, se concentravam os grupos homossexuais de São Paulo: "um grande T, formado pela confluência das avenidas São João e Ipiranga, que tem seus limites mais gerais entre os pontos do cinema Oasis, Art-Palácio e início da rua São Luís" (p. 352). Cita como pontos de encontro da época os bares República, Nick Bar, Pari Bar, Mocambo, Jeca, Cremeirie, Brahma, Baiúca, os cinemas Art-Palácio, Oásis, Marabá, Cairo, Pedro II, Cinemundi, Santa Helena, e banheiros públicos do centro da cidade.

Procura também caracterizar o grupo e indicar suas funções sociais na socialização de novos membros e na manutenção da categoria homossexual como um grupo provido de valores e normas de conduta específicos e que reproduz o estereótipo homossexual: "é no grupo que os homossexuais se iniciam e são classificados, perdem suas inibições de viver e mostrar-se como homossexuais, aprendem a desfilar, usar roupas

tas — material este amplamente transcrito ao longo da dissertação — a autora se vale também de seu conhecimento pessoal do **network** (expressão adotada pela autora parr evitar o uso de "grupo"). Em termos de resultados, a autora traça com bastante competência o quadro mais geral da composição do estilo próprio de vida do grupo, suas alternativas e estratégias de sobrevivência no meio heterossexual dominante, seus critérios de identidade e hierarquização. Ainda mais, o rico material empírico apresentado fornece o roteiro dos locais de atividade pública do homossexual no Rio de Janeiro, sua gíria, e, como não podia deixar de ser, a revelação das situações dramáticas (mas nem per isto tristes) da vida cotidiana dos pesquisados. As histórias de vida relatam momentos da descoberta da própria homossexualidade pelo sujeito, momentos dos primeiros contatos, as dúvidas, incertezas e auto-rejeições, para, finalmente, se chegar ao momento da aceitação, do compromis-

Fonte: https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/11-ed-jornal-lampiao-da-esquina-abril-1979/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&pos=11&source_list=collection&ref=%2F

Na edição de número 11, foi divulgado um texto de ensaio jornalístico que apontava sobre estudos da homossexualidade em outubro de 1959, a revista Sociologia da Fundação Escola de São Paulo publicava "Aspectos sociológicos do homossexualismo” de José Fábio Barbosa da Silva. Em 1964 foi programada a publicação de uma tese de mestrado do mesmo autor com o mesmo tema, na notícia conta que a monografia não chegou a ser publicada com a desculpa de que foi retirada da gráfica “para revisão”, os documentos sobre a dissertação também tinham sumido ou simplesmente não existiam na Faculdade de Filosofia onde na época todas as teses eram registradas.

Não houve nenhum esclarecimento sobre o paradeiro dos registros, mas consta que o autor José Fábio Barbosa da Silva tratou

pela primeira vez no Brasil o assunto do “homossexualismo” como objeto de pesquisa da ciência social, fazendo uso crítico das teorias de patologias e desorganização social ao analisar o “desenvolvimento da homossexualidade”. Uma outra dissertação escrita em torno do tema é escrita em 1977 por Carmen Dora Guimarães e foi apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro com tema de mestrado: “O homossexual visto por entendidos”. A partir daqui o jornal *Lampião* cita outros trabalhos elaborados por psiquiatras e a problemática aplicada pela autora diante de sua escrita dissertativa:

> Por si só este material se apresenta como uma espécie de cartilha pedagógica da homossexualidade, em que se inscrevem valores e normas de comportamento. Como esta pedagogia sócio-sexual é oposta à pedagogia da sexualidade predominante (heterossexual), a constituição do grupo (network) aparece na pesquisa como a tática fundamental para a solução de problemas de discriminação e repressão impostas ao elemento desviante. Dentre vários problemas discutidos, incluem-se a discriminação profissional e a maneira de a contornar; a prostituição homossexual, com seus locais de atuação e táticas de abordagem e de defesa: o lazer e a convivência com o mundo heterossexual. (Lampião, 1979, p.17)

O posicionamento girado ao sentindo da homossexualidade é de desvendar e descontruir uma categoria que era sempre dada como depreciativa, anormal ou até mesmo patológica, e de maneira didático-pedagógica as teorias em torno dos estudos da homossexualidade foram sendo desvendadas e apresentadas a partir do método científico, existia uma margem de aprofundamento nos estudos sociais e culturais preocupados com o bem-estar coletivo. As teses acadêmicas elencavam estudos categóricos dos 'grupos providos de valores e normas de condutas específicas' e de grupos descriminalizados ou marginalizados perante a sexualidade predominante heterossexual.

Saber sobre a própria sexualidade ou desejos sexuais do próprio corpo não eram suficientes para resistir a tamanhas atrocidades em décadas passadas. Em momentos sombrios da história existiu o Holocausto, aplicado pela Alemanha Nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Em uma das colunas de reportagem jornalísticas do *Lampião da esquina*, uma delas era de denúncia sobre campanha de publicidade:

Figura 6: Reportagem do Jornal Lampião da Esquina. De Sodoma a Aushwitz, a matança dos homossexuais. Edição nº13, junho de 1979.

De Sodoma a Auschwitz, a matança dos homossexuais

Por volta de 1933, Máximo Gorki iniciou uma série de artigos sobre o "humanismo proletário", sustentando a tese de que o homossexualismo, enquanto "ruína dos jovens", era um produto típico do fascismo e que, portanto, não tinha lugar no coração do povo. Na mesma época, outros escritores e homens políticos soviéticos liderados por Kalinim, iniciaram uma violentíssima campanha propagandística contra os homossexuais, juntando-os a todo tipo de criminosos sociais: os bandidos, os traidores, os espiões, contra-revolucionários e agentes do imperialismo. Essa tendência alcançou seu ponto alto em março de 1934, quando um decreto assinado pelo próprio Kalinim passou a considerar as relações íntimas entre indivíduos do sexo masculino como puníveis com prisão de três a oito anos, conforme a gravidade daquilo que foi então taxado e enquadrado como "crime".

Gorki escreveu: "Nos países fascistas, o homossexualismo, que é a ruína dos jovens, floresce impunemente. Já existe até um ditado na Alemanha (pré-nazista): eliminem-se os homossexuais e o fascismo desaparecerá. "Entretanto, na noite de 30 de junho de 1934 (apenas três meses após a aprovação da lei soviética que enterrava, de um só golpe, todas as conquistas sexuais libertárias da Revolução de Outubro), o Comando Especial de Himmler, a S.S., invadia a hospedaria

mais importante do que todos os outros, o fato de que só sobreviveram muito poucos condenados, que poderiam contar os acontecimentos com mais precisão.

Em todo caso, apesar do esquecimento a respeito, existem raros e espantosos testemunhos. Eugen Kogon, em seu livro **O Estado S.S.**, diz apenas: "Sobre o destino reservado (aos homossexuais), só se pode dizer que foi terrível: estão quase todos mortos".

O médico e escritor Classen Neudegg publicou uma série de artigos no jornal de Hamburgo. Humanistas: ai ele fala de muitos casos de que soube ou que viu diretamente: "Os homossexuais já tinham sido torturados e morriam lentamente de fome ou por excesso de trabalho, tudo com uma crueldade inimaginável (...). Então a porta da residência do Comandante se abre e um oficial do nosso grupo anuncia: "300 imorais serão reunidos por ordem". Fomos registrados e então percebemos que nosso grupo iria ser isolado numa companhia de punições mais rigorosas: soubemos também que no dia seguinte seríamos levados para uma grande fábrica de tijolos, para trabalhos forçados. A fama dessa fábrica em liquidar com as pessoas era absolutamente terrível". (A S.S. considerava o trabalho nas fábricas de tijolos como um terceiro grau de onde

Fonte: https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/13-ed-jornal-lampiao-da-esquina-junho-1979/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&pos=13&source_list=collection&ref=%2F

Esta demonstração de reportagem da edição de 1979, fala sobre uma violentíssima campanha propagandística contra homossexuais, juntando-os e comparando-os a criminosos sociais, bandidos, espiões, traidores, etc., esta tendência alcançou o ápice em março de 1934.

> [..] iniciou uma série de artigos: o "humanismo proletário, sustentando a tese de que o homossexualismo enquanto "ruínas dos jovens", era um produto típico do fascismo e que, portanto, não tinha lugar no coração do povo. Na mesma época, outros escritores e homens

> políticos soviéticos liderados por Kalinim, iniciaram uma violentíssima campanha propagandística contra os homossexuais, juntando-os a todo tipo de criminosos sociais: os bandidos, os traidores, os espiões, contrarrevolucionários e agentes o imperialismo. (Lampião, 1978, p. 12)

Assim como esta propaganda, iniciou-se uma série de artigos escritos com a ideia de que o "homossexualismo" era a "ruína dos jovens" alegando que era produto típico do fascismo, tudo isto proposto por escritores e homens políticos soviéticos liderados por Mikhail Kalinin um político soviético, ele assinou um decreto que considerou as relações íntimas sexuais entre indivíduos do mesmo sexo masculino como puníveis de prisão entre três e oito anos, taxado depois como crime. A reportagem também narra o ditado que a Alemanha (pré-nazista) propagava, culpando a homossexualidade como causa do fascismo: "eliminem-se os homossexuais e o fascismo desaparecerá!". A reportagem ainda pontuava sobre premissas ideológicas da época de repressão feitas por partidos nazistas, como reforço das punições contra os homossexuais, tratando os mesmos como um perigo para a população, e, com alegação que era necessário um processo de purificação através do extermínio necessário de homossexuais, afirmava-se que: "os degenerados deviam ser eliminados para manter a raça pura" (Lampião, 1979, p.17). Toda esta

violência simbólica não demoraria a se tornar física com a execução de mais de 6 milhões de vítimas em campos de concentração.

2. EROTISMO E HOMOSSEXUALIDADE

A violência física e simbólica não eram as únicas abordagens no *Lampião da esquina*, colunas sobre o erotismo foram veiculadas de muitas maneiras, inclusive religiosas, isto aconteceu em todas as edições. A censura contra a imprensa homossexual e a arbitrariedade policial frente a ditadura militar não foi suficiente para conter a resistência homossexual, conteúdos em torno da instigação a sexualidade erótica eram dialogados nas redações. A história da sexualidade nos anos de 1970 era um tabu, para Michel Foucault falar de sexo é algo que acontecia a partir do saber:

> Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostrá-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. (Foucault, 1987, p.27)

A ideia de mostrar o sexo em primeira instância, é traçar o objetivo da quebra de tabus e proibições, e ir além do seu significado multifacetado. A primeira edição experimental do jornal *Lampião* trouxe o conceito de "Homo Eroticus", lançado como uma ideia de um jornal homossexual que falasse sobre "erotismo guei". Mesmo visto como imoral para algumas particularidades, a normalização homossexual continuava tornando-se uma parte da molécula entre muitas que formavam um corpo de 'homossexualidade molecular', como diz Preciado: "[..] explicar a homossexualidade molecular de Deleuze como parte do que chamaríamos de 'efeitos unhas', isto é, reduzi-la a uma espécie de estranheza ou de conceito-capricho [..]" (Preciado, 2014, p. 174). Esta minimização como parte de um corpo faz reflexão comparativa a como homossexuais isolados de um grupo ou sociedade são vistos de forma estranha ou espécie diferente da própria, e, que não eram a única minoria que sofria este afastamento social.

A arte da cultura erótico ilustrada por Darcy Penteado, tomou conta do *Jornal Lampião da esquina* para que o leitor se envolvesse através da peça gráfica entendendo um lugar de grupos sociais, sexuais, valoração histórica e conscientização sobre a homossexualidade em um país preconceituoso, esta arte ficou

denominada de “Homo eroticus”, uma arte ilustrativa em torno do erotismo homossexual.

Figura 7: Coluna ensaio: "Eu criei a arte erótico-homossexual no Brasil". Edição experimental nº0, abril de 1978.

ENSAIO

Apesar da mentalidade mod..mosa atual, é difícil assegurar que o sexo não continue sendo um tabu entre nós. Particularizando, o que se pod.. dizer então do homossexualismo, sobre o qual pesa desinformação total e muito preconceito?

O brasileiro tem do homossexual uma idéia primária calcada no "folclore" que circula pelas ruas e que é absolutamente negativa como *uma variação da sexualidade* nos seus termos convencionais e não uma deformação dela, como se acreditava antes. No terreno da criação intelectual e artística, a carência de informações ao público, que afinal é o consumidor, e a delimitação moral imposta pela sociedade, constrangeram o artista a evitar o tema ou a abordá-lo timidamente, na maioria d..s vezes resguardando-se isto é, dando a impressão de ser ele um mero observador pelo lado de fora.

Parece-me ousadia querer então falar de uma *cultura homossexual brasileira*, uma vez que estamos apenas engatinhando e além do mais sobrecarregados de preconceitos — razão porq..e ela teve e continua tendo existência "underground". Para se chegar à luz de uma possível "normalidade", carecemos da conscientização do meio sobre o que seja a verdad..ira h..mossexualidade e, principalmente, da auto-conscientização dos artistas criadores.

“Eu criei a arte erótico-homossexual no Brasil”

darcy penteado.

imoralidade está na cabeça de quem vê, não no que é visto.

Ainda sobre o nu masculino: bastante

outros trabalhos (que talvez ele nem classifique como erótico- homossexuais), inspirados, em cerâmicas, onde quer-

Pieguismo talvez mas que conta, principalmente quando parte de um crítico de

Fonte: https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/0-ed-jornal-lampiao-da-esquina-abril-1978/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&pos=0&source_list=collection&ref=%2F

Este ensaio na coluna jornalística do *Lampião da esquina* foi lançado na edição experimental de número zero no primeiro ano de publicação. Dizia respeito a como o brasileiro tinha uma ideia negativa em relação a sexualidade, e como que a falta de informação poderia ser preenchida com a apreciação de artes plásticas, ilustrativas, literárias ou teatrais. Era um ‘BOOM’ de lançamentos artísticos diante

da proposta de autoconscientização sobre a arte pictórica erótico-homossexual. Os assuntos na coluna demonstravam artes fotográficas, peças audiovisuais e a "Proposta de Amor", assim se chamava, fazia a apologia ao amor e desmistificava a nudez. O conteúdo apresentou nomes artísticos e datas de forma reflexiva e comemorativa, proporcionando sugestões de como a arte poderia mudar as políticas sociais. O erótico, pouco discutido diante da timidez social da época, ainda era confundido com a pornografia e no próprio ensaio textual uma explicação sobre o que poderia ser o erotismo foi proporcionada na narrativa:

> Mas, o que é afinal o erotismo? Qual o limite entre este e a pornografia? Muito já se disse ou se fez, sendo que cada época o adaptou ao seu gosto. Uma amiga em cuja sensibilidade não ponho dúvidas, diz que erotismo é, por exemplo, uma mulher coberta de véus, apenas com uma ponta de pé *à* mostra - bem mais erótica que outra que exponha o corpo sem mistérios. A definição de erotismo depende então do grau de sensibilidade de quem vê, mais que daquilo que é visto. Transpondo, pode-se dizer também que o conceito de imoralidade está na cabeça de quem vê, não no que é visto. (Lampião, 1978, p.3)

O erotismo tornou-se de fácil compreensão pós leitura textual, mas mesmo com a desmitificação do tabu da nudez e ilustrações artísticas do “homo *eroticus”* apresentado por Darcy Penteado, uma

parte dos leitores ainda precisavam de outras referências para entender a elucidação e charges que foram advindas em edições do jornal lançadas posteriormente.

2.1 ANALOGIA ENTRE O SAGRADO E EROTISMO

A história das décadas de 70 e 80 até os dias atuais, é relevante no processo de enxergar como a igreja julgava os homossexuais. Os estudos da sexualidade em torno do erotismo podem ser confundidos com o desejo da carne, pornografia, sexo ou alguma semelhança direta entre a troca de fluidos corporais. Alguns autores tentam trazer essa comparação em suas reflexões como George Bataille:

> O movimento da *carne* excede um limite na ausência da vontade. A *carne* é em nós esse excesso que se opõe à lei da decência. A carne é o inimigo que nasce dos que são possuídos pelo interdito cristão. Mas se, como eu creio, existe um interdito vago e global que se opõe à liberdade sexual sob formas dependentes dos tempos e lugares[..]. (BATAILLE, 1957, p.61)

George Bataille simboliza o erotismo entre a morte, reprodução, sagrado, divino, guerra, religiosidade e até a prostituição, o exemplo do sagrado faz entender que a pornografia não é a única linha de raciocínio que define o erotismo, pois ele está além da compreensão fincada no pensamento sexista.

> É fácil perceber o que o erotismo dos corpos ou o dos corações designa, mas a idéia de erotismo sagrado nos é menos familiar. A expressão é, aliás, ambígua, na medida em que todo erotismo é sagrado, mas nós encontramos os corpos e os corações sem entrar na esfera sagrada propriamente dita. A busca de uma continuidade do ser perseguida sistematicamente para além do mundo imediato aponta uma abordagem essencialmente religiosa; sob sua forma familiar no Ocidente, o erotismo sagrado confunde-se com a busca, exatamente com o amor de Deus, mas o Oriente dá continuidade a uma busca semelhante, sem necessariamente colocar em jogo a representação de um Deus. (BATAILLE, 1957, p.13)

Em busca do divino o erótico liga-se ao que é estar a uma esfera continuamente religiosa, o ato corriqueiro presente na vida do ser humano em busca da fé, livre arbítrio e de crença, pode ser uma explicação sobre o alvedrio, equiparada a liberdade da homossexualidade, esta, conecta-se ao erotismo a partir da ideia de utilização dos corpos. O autor Bataille está entre um lado e outro, pois o corpo é unido a prática libertadora do erotismo, principalmente sexual. No período da compreensão de liberdade sexual do século XX, a busca era pela enunciação da identidade sexual com sua prática de liberdade. O erotismo e o sagrado que Bataille teoriza também se tornou um discurso mensalmente veiculado no jornal *Lampião,* em

embate ao conservadorismo heteronormativo da época e combate entre o ato opressor e a sexualidade do homossexual.

CONCLUSÃO

A análise das várias edições do Jornal *Lampião da esquina* sobre matérias e diferentes reportagens, narram questões e pautas para compreensão das lutas enfrentadas do "ser homossexual" na década de 70 e 80, os assuntos em torno das indagações, dúvidas e denúncias demonstravam os desafios encontrados diante do regime de ditadura. A relevância das publicações buscava denunciar o sistema político através da busca de liberdade de expressão, esta privada em seus direitos pela ditadura militar. Os discursos eram pedagógicos e minuciosos em torno da sexualidade, por ser um assunto ainda delicado e as denúncias importantes para fazer valer o respeito em relação às identidades sexuais e de gênero.

Conclui-se que o estudo científico sobre a homossexualidade foi primordial para entender os preceitos sexuais, a depreciação entre os corpos marginalizados pelo sistema e regime político, que causou repercussões sociais e indignação nas décadas dos anos XX. Entender o ponto de vista de identidades sexuais que sofreram censura e passaram por processos árduos em momentos da história da ditadura,

corrobora com a afirmação que o objeto de estudo cujo jornal *Lampião* foi um importante documentado e veículo de comunicação, um porta-voz da homossexualidade.

As lutas vivenciadas no período dos anos de 1970 a 1980 vão de encontro com as conquistas reverenciadas. Compreender o liberalismo comportado em que autores e pesquisadores também argumentam sobre as sexualidades que eram abafadas numa época extremamente conservadora faz parte do processo, Mac'Rae (2018) abarca que "os números antigos de jornais comparados a vivências nos últimos anos da década de 1980, as publicações mais estimulantes e irrequietas raramente ousavam se desviar do liberalismo bem-comportado", hoje, a sociedade em parte 'o patriarcado' faz uso contínuo da hipocrisia em consumir conteúdo da indústria pornográfica homossexual ou transsexual, hipocrisia machista, não muito diferente do que acontecia naquelas décadas.

Os padrões da hipocrisia homofóbica, impositiva e opressora nas décadas apresentadas nesta pesquisa gerou pautas analíticas em críticas sociais e culturais, estas, documentas e direcionadas para o estudo dos textos jornalísticos e literários do periódico *Lampião da esquina*. O que um dia foi denunciado e censurado, hoje é divulgado, questionado e debatido; a prática da homossexualidade em situações

de opressão ou repressão ainda é uma problemática, reflexo de uma sociedade apenas ouvinte. Torna-se compreendido então a importância do jornal na produção do discurso, não só como memória e história do movimento gay, mas na ruptura de conceitos agenciados e da produção na redação do jornal em operacionalizar a crítica sobre a violência as identidades e sexualidades.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O descarado, a cara-metade, o rosto: Michel Foucault e a análise de discurso do movimento homossexual. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 1 - 20, 2014. (ISSN 2317-1006 - online).

BATAILLE, George. O erotismo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1957.

BUTLER, Judith. Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo". São Paulo: n-1 edições, 2019.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade v. I :Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

MACRAE, Edward. A construção da igualdade- política e identidade homossexual no Brasil da "abertura". / Edward MacRae. – Salvador: EDUFBA, 2018.

MACRAE, Edward. Identidade homossexual e política. In: A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da “abertura” [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 119-135. ISBN 978-85- 232-1998-7. https://doi.org/10.7476/9788523219987.0010. Último acesso em: 02, de setembro de 2024.

MACRAE, Edward. O jornal Lampião da Esquina. In: A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da “abertura” [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 137-164. ISBN 978-85- 232-1998-7. https://doi.org/10.7476/9788523219987.0011. Último acesso em: 02, de setembro de 2024.

PRECIADO, Beatriz. Manifesto contrassexual. tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. Dysphoria mundi. Editorial Anagrama., S.A., Barcelona, Espanha, 2022.

QUINALHA, Renan. Lampião da esquina na mira da ditadura hetero-militar de 1964. Cadernos Pagu, Campinas, SP, 2018, n. 61.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. 4ªed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

Jornal Lampião da esquina, São Paulo – Rio de Janeiro. Abril de 1978 - junho de 1981. Disponível em: https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/?view_mode=cards&perpage=12&order=ASC&orderby=date&fetch_only_meta=&paged=1&fetch_only=thumbnail%2Ccreation_date%2Ctitle%2Cdescription. Último acesso em: 10, agosto de 2024.